

## MARCIAL E O AMOR DA LIBERDADE

JOSÉ LUÍS LOPES BRANDÃO  
*Universidade de Coimbra*

*Non est, crede mihi, sapientis dicere 'uiuam':  
sera nimis uita est crastina: uiue hodie.*  
(MARCIAL, 1.15.11-12.)

Na obra do poeta de Roma e de BÍlbilis encontramos frequentemente expressa a ânsia de libertação do Homem do jugo que o domina. O poeta visa, em última análise, a felicidade. Este grito pela liberdade é uma constante em todos os tempos. Hoje mais do que nunca o homem se vê prisioneiro das influências nefastas da vida urbana, de uma vida social e profissional demasiado absorvente que provoca sofrimento e destrói as famílias, de uma economia que reduz o indivíduo a consumidor / contribuinte e o enreda até ao desespero.

Cabe neste ponto uma referência às filosofias que, no século de Marcial, propunham um caminho de libertação e felicidade: o cinismo, o estoicismo e o epicurismo. O poeta demonstra desprezo pelos cínicos, bem como por algumas doutrinas estóicas que considera hipócritas. Em relação ao epicurismo o poeta não ridiculariza, antes adopta certos princípios desta filosofia no sentido de uma *uita beatior*.<sup>1</sup> De resto, o poeta fazia eco à política imperial: por oposição ao regime, os cínicos e os estóicos foram objecto de perseguição durante a dinastia dos Flávios, especialmente sob Domiciano.<sup>2</sup>

---

\* Aqui deixo expresso os meus sinceros agradecimentos ao Prof. Doutor Walter de Medeiros pela sua amabilidade em rever o texto e pelas oportunas sugestões. Incorreções que porventura subsistam são da minha inteira responsabilidade.

<sup>1</sup> Cf. T. ADAMIK, “Martial and the *uita beatior*”: *AUB* 3 (1975) 55-64.

<sup>2</sup> Cf. DCass. 66, 67.12-13; Suet. *Vesp.* 15, *Dom.* 10.

Um cínico é ridicularizado por Marcial, como já nos epigramas de Lucílio,<sup>3</sup> através da associação do seu aspecto à origem do nome:

*Hunc, quem saepe uides intra penetralia nostrae  
Pallados et templi limina, Cosme, noui  
cum baculo peraque senem, cui cana putrisque  
stat coma et in pectus sordida barba cadit  
cerea quem nudi tegit uxor abolla grabatti,  
cui dat latratos obuia turba cibos,  
esse putas Cynicum deceptus imagine ficta:  
non est hic Cynicus, Cosme: quid ergo? Canis.<sup>4</sup>*

Este que frequente vês no recinto da nossa / Palas e à entrada do novo templo, Cosmo, / um velho com um cajado e um alforje, que tem branca e pútrida / a cabeleira e sobre o peito lhe cai a barba imunda, / a quem aconchega, como esposa, a manta sebenta do catre nu, / aos latidos de quem a multidão responde com alimentos. / Cuidas que é um cínico, enganado pela falsa aparência: / não é este um cínico, Cosmo: então o que é? Um cão.

Com efeito, Marcial não consegue contemporizar com esta forma de protesto, em relação à sociedade, materializada em velhos de aspecto sebento. Por isso os ridiculariza e os associa às situações mais caricatas: usa-os como objecto de comparação do sexo de uma velha decrépita e pretensiosa<sup>5</sup> e como pacientes ideais, juntamente com os estóicos, para o terrível barbeiro Antíoco.<sup>6</sup> Para Marcial, portanto, a solução não passa por esta filosofia de vida.

Em relação aos estóicos, como acabamos de ver, Marcial, em certa medida, associa-os, na sua troça, aos cínicos. Há sobretudo um aspecto que o poeta contesta: o desprezo da morte e o suicídio estóico, tão louvado por Séneca.<sup>7</sup> Para Marcial há maior mérito em enfrentar a vida no meio da adversidade:

*Quod nimium mortem, Chaeremon Stoice, laudas,  
uis animum mirer suspiciamque tuum?  
Hanc tibi uirtutem fracta facit urceus ansa,*

<sup>3</sup> Cf. *A. P.* 11.153.

<sup>4</sup> *Mart.* 4. 53; cf. 1.92.10: *et bibis inmundam cum canis aquam*. Doravante os epigramas de Marcial serão citados apenas pelo número.

<sup>5</sup> 3. 93.13 : *(Cum) senemque Cynicum uincat osseus cunnus...*

<sup>6</sup> 11.84.7: *Tondeat hic inopes Cynicos et Stoica menta*; cf. 7.64.8.

<sup>7</sup> *Sén. Ad Lucil.* 69.6; 70.6; 70.25. Sobre os princípios da filosofia estóica, cf. Jean BRUN, *Le stoïcisme*, trad. port. de João Amado, Lisboa, Ed. 70, 1986, 75-91.

*et tristis nullo qui tepet igne focus  
et teges et cimex et nudi sponda grabati,  
et breuis atque eadem nocte dieque toga.  
Rebus in angustis facile est contemnere uitam:  
fortiter ille facit qui miser esse potest.*<sup>8</sup>

Lá porque louvas com veemência a morte, estóico Quéremon, / queres que admire e apoie a tua coragem? Esta virtude ta dá um jarro de asa partida / e uma triste lareira que nenhum fogo aquece / e uma esteira e os percevejos e a armação do catre nu / e a mesma parca toga, quer de dia quer de noite... / Na adversidade, fácil é menosprezar a vida: / com maior coragem procede quem sabe suportar a infelicidade.

Pelo contrário louva o amigo Deciano, que embora siga os princípios estóicos, coloca a vida acima de uma morte insensata:

*Quod magni Thraseae consummatique Catonis  
dogmata sic sequeris, saluos ut esse uelis,  
pectore nec nudo strictos incurris in ensis,  
quod fecisse uelim te, Deciane, facis.  
Nolo uirum facili redemit qui sanguine famam,  
hunc uolo, laudari qui sine morte potest.*<sup>9</sup>

Pois que do grande Trásea e do perfeito Catão / segues as doutrinas, mas de jeito tal que continues vivo, / e não te lanças de peito aberto sobre espadas nuas, / fazes, Deciano, o que eu desejaria que fizesses. / Não considero herói quem com sangue fácil comprou a sua glória, / mas quem pode ser louvado sem morrer.

De resto, o amigo Deciano incarna o protótipo do que Marcial considera um sábio coerente: culto, leal, defensor da rectidão, respeitador dos deuses, magnânimo:

*Si quis erit raros inter numerandos amicos,  
quales prisca fides famaue nouit anus,  
si quis Cecropiae madidus Latiaequae Mineruae  
artibus et uera simplicitate bonus,  
siquis erit recti custos, mirator honesti  
et nihil arcano qui roget ore deos,*

---

<sup>8</sup> 11.56.

<sup>9</sup> 1.8.

*si quis erit magnae subnixus robore mentis:  
dispeream, si non hic Decianus erit.*<sup>10</sup>

Se alguém houver que deva ser contado entre os raros amigos, / como os que o testemunho ancestral e a velha fama conhece; / se alguém houver dotado da Minerva cecrópia e da latina / nas artes, e bom homem com verdadeira lealdade; / se alguém houver paladino da rectidão, admirador da virtude, / que nada peça aos deuses com secreta voz; / se alguém houver apoiado na solidez de um grande espírito, / raios me partam, se este não for Deciano.

Para o poeta não contam as aparências e tende a considerar os estoicos, demasiado austeros, suspeitos de hipocrisia. Há um limite dentro do razoável para a virtude e para uma vida austera. O que vai além disso não é próprio do sábio e pode ser sintoma de desequilíbrio. Confronta o próprio amigo Deciano com esta evidência:

*Aspicis incomptis illum, Deciane, capillis,  
cuius et ipse times triste supercilium,  
qui loquitur Curios adsertoresque Camillos?  
nolito fronti credere: nupsit heri.*<sup>11</sup>

Vês, Deciano, aquele tipo de cabelos desgrenhados, / de quem até tu temes o sobreceño austero, / que fala dos cúrios e dos camilos libertadores? Não te fies na cara dele: ontem casou com um homem.

Marcial apresenta, nos epigramas de carácter moral, muitas ideias comuns a Séneca. Mas são sobretudo ideais mais próximos do epicurismo do que do estoicismo.<sup>12</sup> Os princípios estoicos não eram de todo alheios a Marcial, como a qualquer bom cidadão romano,<sup>13</sup> mas não respondiam às suas necessidades.

A escolha de Marcial tem que ver com uma concepção mais epicurista da vida. Basta verificar o que é que, no entender do poeta, lhe retirava a liberdade

<sup>10</sup> 1.39. Por outro lado, o conceito de *rectum* (v. 5) e *honestum* são reminiscências epicuristas, segundo ADAMIK, “*Martial and the uita beatior*” cit. 63.

<sup>11</sup> 1.24.

<sup>12</sup> Cf. ADAMIK, “*Martial and the uita beatior*” cit. 58-60, onde se faz um vasto elenco de ideias comuns a Séneca e Marcial. Cf. Jean-Marie ANDRÉ, *La philosophie à Rome*, Paris, PUF, 1977, 167-191.

<sup>13</sup> Cf. 1.13: alusão ao suicídio de Árria Maior e seu marido Cecina Peto. Este tinha participado em 42, numa revolta frustrada contra Cláudio, vendo-se, por isso, obrigado ao suicídio. A mulher dá o exemplo cravando a espada em si própria ao mesmo tempo que diz as célebres palavras: *Paete, non dolet* (Cf. Plínio, *Epist.* 3.16).

e o escravizava e quais as suas verdadeiras aspirações. E desde o livro primeiro dos epigramas é uma ideia clara para o leitor:

*Vota tui breuiter si uis cognoscere Marci,  
clarum militiae, Fronto, togaeque decus,  
hoc petit, esse sui nec magni ruris arator,  
sordidaque in paruis otia rebus amat.  
Quisquam picta colit Spartani frigora saxi  
et matutinum portat ineptus haue,  
cui licet exuuiis nemoris rurisque beato  
ante focum plenas explicuisse plagas  
et piscem tremula salientem ducere saeta  
flauaque de rubro promere mella cado?  
Pinguis inaequales onerat cui uilica mensas  
et sua non emptus praeparat oua cinis?  
Non amet hanc uitam quisquis me non amat, opto,  
uiuat et urbanis albus in officiis.<sup>14</sup>*

As aspirações do teu Marco, se as queres em resumo conhecer, / ó Frontão, illustre em campanha e honra da toga, / são estas as que persegue: ser o lavrador de um campo seu não muito grande, / pois ama a singeleza do ócio em um modesto viver. / Quem vai admirar as frias pinturas de mármore espartano / e levar, desmotivado, a matutina saudação, / se pode, feliz com as colheitas do bosque e do campo, / desdobrar as redes repletas diante do lume / e retirar o peixe saltitante da linha trémula / e extrair os méis doirados de um jarro vermelho? / E se uma caseira bem nutrida lhe enche as mesas toscas / e a cinza não comprada lhe prepara ovos de sua casa? / Não goste desta vida quem de mim não gosta — é o meu desejo; / e que viva pálido entre as obrigações urbanas.

Bem clara a oposição de duas ideias antagónicas: por um lado, a rejeição das obrigações sociais que a vida de cliente impunha; por outro, o desejo de uma vida simples e frugal num campo que pudesse cultivar e donde extraísse a sua subsistência.

A vida de cliente em Roma, aqui representada pelas frias pinturas de mármore espartano dos átrios dos poderosos e pelo *matutinum haue*, era o obstáculo à realização desse sonho: um peso do qual o poeta ansiava por se libertar. É um verdadeiro manancial de inspiração para o poeta.

---

<sup>14</sup> 1.55.

Este jovem provinciano sem grandes recursos chegara a Roma nos últimos anos de Nero. Para sobreviver nesta cidade, só havia um caminho: submeter-se à vida de cliente — era uma verdadeira instituição em Roma e, ao mesmo tempo, a forma mais honrosa de um poeta pobre ganhar a vida.<sup>15</sup> Marcial rende-se a esta prática, que juridicamente tem uma origem servil,<sup>16</sup> e suporta-a muito a custo. Mal rompe a aurora, ou ainda antes, lá vai a turba dos clientes, tremente de frio, para a *salutatio matutina* ao seu *patronus*.<sup>17</sup> Saúdam-no com o título de *dominus et rex*,<sup>18</sup> na esperança de obterem o prémio do seu sacrifício matinal: a *sportula* — uma pequena quantia em dinheiro, que dá para cem banhos,<sup>19</sup> já que estes, como serviço público, ficam muito baratos. De qualquer modo, à excepção dos dias especiais, como o aniversário do patrono, em que a quantia pode aumentar consideravelmente,<sup>20</sup> a *sportula* mal dá para sobreviver; e o estafado cliente vê-se obrigado a correr, para saudar vários patronos. Cano morreu depois de receber a *sportula*: foi esta que o matou... porque foi só uma.<sup>21</sup>

O certo é que, por vezes, alguns patronos se esquivavam, como é o caso de Paulo, que se finge doente para pôr os convidados em jejum e não dar a *sportula*;<sup>22</sup> e de Mário, que não dá nem jantares nem presentes, porque está arruinado, e no entanto continua a ser cortejado por uma turba de clientes — *Eheu! Quam fatuae sunt tibi, Roma, togae!*<sup>23</sup> A um tal Afro, regressado da Líbia, que evitava a saudação do poeta, este responde-lhe:

*Iam satis est. Non uis, Afer, hauere: uale!*<sup>24</sup>

Já chega! Não queres, Afro, os meus bons-dias: adeus para sempre!”

Marcial procura reagir contra este estado de coisas, mas sente-se manietado. A subserviência é de rigor. Certa vez saudou o patrono pelo nome,

---

<sup>15</sup> MARACHE, René, “La revendication sociale chez Martial et Juvenal”: *RCCM* 3 (1961) 38-53.

<sup>16</sup> Sobre a origem da clientela vd. AUGELLO, “Roma e la vita romana testimoniata da Marziale”: *ALGP* 5-6 (1968-69) 259-260, e n.156.

<sup>17</sup> Cf. 9.92.

<sup>18</sup> Cf. 2.68.2; e 10.10.5

<sup>19</sup> Cf. 8.42.

<sup>20</sup> Cf. 10.27.

<sup>21</sup> 1.80.

<sup>22</sup> 9.85.

<sup>23</sup> 10.19.

<sup>24</sup> 9.6.

em vez de o tratar por *dominus* : o lapso ficou-lhe caro. Foi o preço a pagar pelo sabor, ainda que efêmero, da *libertas*:

*Mane salutaui uero te nomine casu  
nec dixi dominum, Caeciliane, meum.  
Quanti libertas constat mihi tanta, requiris?  
Centum quadrantes abstulit illa mihi.*<sup>25</sup>

De manhã, por distração, saudei-te pelo nome próprio / e não te chamei meu senhor, Ceciliano, / Queres saber quanto me custa tamanha liberdade? / Cem quadrantes me roubou ela.

Ora um cliente não é livre, à partida, de dizer o que lhe parece. A convivência é essencial:

*Cenes, Canthare, cum foris libenter,  
clamas et maledicis et minaris.  
Deponas animos truces monemus: /  
liber non potes et gulosus esse.*<sup>26</sup>

Embora jantes fora, Cântaro, de boa vontade, / gritas, dizes mal e ameaças. / Aconselho-te a pôr de lado esse mau génio: / Não podes ser livre e glutão.

O remédio é ir pactuando com o sistema, por muito que lhe custe, mesmo em prejuízo, no caso do poeta, da sua produção literária: ocupado em servir Labulo, só escreveu uma página, em um mês.<sup>27</sup> Tudo seria diferente se tivesse um mecenas. Por isso diz ao amigo Lúcio Júlio que lhe pede para escrever *aliquid magnum*:

*Otia da nobis, sed qualia fecerat olim  
Maecenas Flacco Vergilioque suo.*<sup>28</sup>

Dá-me uma vida tranquila, como aquela que dera outrora / Mecenas ao seu Flaco e ao seu Virgílio.

Segundo a praxe, depois da *salutatio* matinal, há que acompanhar a liteira do patrono pelas ruas ou aplaudi-lo no foro; se tiver sorte, talvez consiga um convite para a *cena*. Em suma, o poeta vê-se confrontado com uma série de humilhações diárias para conseguir sobreviver. E tem de acautelar o seu

---

<sup>25</sup> 6.88.

<sup>26</sup> 9.9.

<sup>27</sup> 11.24, cf. 10.70.

<sup>28</sup> 1.107.3-4.

descontentamento e frustração. Para um poeta tão cioso da sua liberdade, é ainda mais humilhante ser cliente de alguém que também é cliente; é o mesmo que ser servo de servos. Estas palavras dirige a um suposto Máximo que, de modo algum, é o máximo entre os *reges*:

*Capto tuam, pudet heu, sed capto, Maxime, cenam,  
tu captas aliam: iam sumus ergo pares.  
Mane salutatum uenio, tu diceris isse  
ante salutatum: iam sumus ergo pares.  
Sum comes ipse tuus tumidique anteambulo regis,  
tu comes alterius: iam sumus ergo pares.  
Esse sat est seruum, iam nolo uicarius esse.  
Qui rex est regem, Maxime, non habeat.<sup>29</sup>*

Tento sacar, com que vergonha, mas tento sacar, Máximo, o teu jantar; / tu tentas sacar outro: portanto nisto somos iguais. / De manhã venho para te saudar, dizem-me que já tu saíste/ antes para saudar: portanto nisto somos iguais. / Sou eu próprio do teu séquito e marchó à frente de um soberbo rei, / tu és do séquito de outro: portanto nisto somos iguais. / Já basta ser servo, não quero agora ser servo de um servo! / Quem é rei, Máximo, não tenha rei.

A vida de cliente é um obstáculo à verdadeira amizade que Marcial tanto preza. Reconhece, pois, que é incapaz de se dizer amigo daquele a quem corteja: das duas uma, ou é cliente ou é amigo.

*Vis te Sexte, coli: uolebam amare.  
Parendum est tibi: quo iubes, colere:  
sed si te colo, Sexte, non amabo.<sup>30</sup>*

Queres ser cortejado, Sexto, eu queria ser teu amigo. / Tenho de obedecer-te: já que o ordenas, serás cortejado: / Mas se te cortejo, Sexto, não serei teu amigo.

Pelo contrário, quando há amizade, o cliente Marcial pode dar-se ao luxo de descurar as suas obrigações.<sup>31</sup> Muitas vezes assume-se como um cliente especial — um poeta tem certos direitos —, que, em vez de se deslocar a casa do patrono para o *haue* matinal, manda o livro como embaixador.<sup>32</sup>

<sup>29</sup> Cf. 2.18; a mesma ideia em 2.32.7-8: *Non bene, crede mihi, seruo seruitur amico: / sit liber, dominus qui uolet esse meus.*

<sup>30</sup> 2.55.

<sup>31</sup> Cf. 10.58: *iuro deos: et non officiosus amo.*

<sup>32</sup> Cf. 1.70; 1.108; 3.4.



Mandava o protocolo que o cliente envergasse a toga logo pela manhã, sempre impecável e branca. A *uana toga*, a *sudatrix toga*,<sup>33</sup> como lhe chama, é mais um peso para o poeta. O uso excessivo e as constantes lavagens depressa a deterioravam. Partênio ofereceu um toga a Marcial; uma toga excelente, digna do nome do benfeitor. Agora está velha; o poeta já pode dizer: *mea est*.<sup>34</sup> Por isso, fica sempre muito agradecido, quando lhe dão uma nova.<sup>35</sup> A toga era indispensável em Roma: era o símbolo da vida pública e de todas as agruras do poeta.

Já no livro III Marcial dava sinais de cansaço e saturação: nessa altura, suportava aquela vida há trinta anos.<sup>36</sup> E, com a desculpa de não poder suportar as fadigas da *uana toga*, trocara Roma pelo *Forum Cornelii* (Ímola).<sup>37</sup> Contudo, a razão da saída do poeta não terá sido só essa. A *sportula*, cuja tarifa remontava a Nero, fora abolida<sup>38</sup> por Domiciano, na sua tentativa de apagar de Roma os traços neronianos.<sup>39</sup> Em vez dela, o patrono ficava com a obrigação de oferecer o jantar ao cliente. *Centum miselli iam ualete quadrantes!* — gritava Marcial desgostoso — *Iam salarium dandum est*.<sup>40</sup> Túcio, proveniente da Hispânia, dirigia-se a Roma. Quando, à entrada da ponte Mílvio, ficou ao corrente da abolição, voltou logo para trás: assim já não valia a pena vir para a Urbe.<sup>41</sup> É evidente que esta prática favorecia o parasitismo, vício muito censurado pelo poeta. Mas o assunto é sério: sem esta quantia diária, um cliente não poderia sobreviver em Roma, nem comprar a toga.<sup>42</sup>

Esta lei não terá durado muito tempo: a *sportula* foi reposta e Marcial, que afirmara em 3.4, que só regressaria quando fosse citaredo, deu o escrito por

<sup>33</sup> Respectivamente 3.4.6 e 12.18.6.

<sup>34</sup> 9.49. Sobre o uso da toga: AUGELLO, “Moda e vanità a Roma nella testimonianza di Marziale”: *Studi classici in onore de Quintino Cataudella*, Catania, Università, 1972, III, 372-374.

<sup>35</sup> 10.73.

<sup>36</sup> 3.36.

<sup>37</sup> 3.4.6.

<sup>38</sup> Cf. 3.60. Efectivamente o afastamento do poeta de Roma terá coincido com a abolição temporária da *sportula*, pois é um dos temas reincidentes neste livro, cf. 3.7, 3.14, 3.30, 3.60. Talvez o hispano Túcio de 3.14 incarna a frustração do poeta. Em 3.30 sugere que o conviva, ao permanecer em Roma, não demonstra grande inteligência. Cf. SULLIVAN, *Martial: the unexpected classic. A literary and historical study*, Cambridge, University Press, 1991, 31.

<sup>39</sup> Cf. AUGELLO, “Roma e la vita romana testimoniata da Marziale” cit. 263.

<sup>40</sup> 3.7.

<sup>41</sup> 3.14.

<sup>42</sup> Cf. 3.30: *Vnde tibi togula est et fuscae pensio cellae? Vnde datur quadrans? Vnde uir es Chiones?*

não escrito e voltou a Roma. O resultado desta primeira tentativa de fuga foi um livro *Gallus*, escrito longe da Urbe, a grande inspiradora, e que, por isso, pode parecer menos bom ao leitor.<sup>43</sup>

No livro VII, publicado em Dezembro de 92, Marcial apresenta-nos um suposto Célio como protótipo do resistente e vítima da vida de cliente: não podendo suportar por mais tempo esta correria matutina e a saudação aos poderosos, fingiu sofrer de gota nos pés; e, à força de tanto fingir, acabou mesmo gotoso.<sup>44</sup> Mas no livro X, é o próprio poeta que parece atingir a exaustão: está farto de suportar o frio e a neve.<sup>45</sup> Devido a todo este vaivém o poeta sente-se *ruptus* e, para isso, não encontra remédio.<sup>46</sup> Ou melhor, há um remédio; e é a única coisa que ele deseja: dormir. O protesto do poeta é agora uma súplica e um lamento indignado, o canto da saciedade:

*Iam parce lasso, Roma, gratulatori,  
lasso clienti. Quamdiu saluator  
anteambulones et togatulos inter  
centum merebor plumbeos die toto,  
cum Scorpis una quindecim graues hora  
feruentis auri uictor auferat saccos?  
Non ego meorum praemium libellorum  
— quid enim merentur? — Apulos uelim campos;  
non Hybla, non me spicifer capit Nilus,  
nec quae paludes delicata Pomptinas  
ex arce diui spectat uua Stini.  
Quid concupiscam quaeris ergo? Dormire.<sup>47</sup>*

Tem piedade, Roma, de um cansado felicitador, / de um cansado cliente. Por quanto tempo eu, saudador, / entre batedores e zé-ninguéns de toga, / receberei cem soldos em todo o dia, / quando Escorpio, em uma hora, quinze pesados / sacos de ouro fresco, triunfante, arrecada? / Como prémio dos meus livrinhos / — que valem eles? — não quereria eu os campos de Apúlia; / nem o Hibla, nem o fértil Nilo me seduzem, /

<sup>43</sup> 1.1.3-6: *Hunc legis et laudas librum fortasse priorem. / Illa uel haec mea sunt, quae meliora putas. / Plus sane placeat domina qui natus in urbe est: / debet enim Gallum uincere uerna liber.*

<sup>44</sup> 7.39.

<sup>45</sup> 10.82. note-se que a primeira edição deste livro é do ano 95, mas a segunda, revista (segundo 10.2.3), é de 98, ano do retorno a Bilbilis, cf. SULLIVAN, *Martial* cit. 44.

<sup>46</sup> 10.56: (...) *Qui sanet ruptos dic mihi, Galle, quis est?*

<sup>47</sup> 10.74.

nem a delicada uva que sobre os paúis de Pontino / lança o olhar, lá das alturas de Sécia.  
/ Perguntas que desejo eu então? Dormir.

Voltando ao epigrama 1.55, a par da reacção contra a vida de cliente, encontramos também do desejo de um vida simples, uma mediania dourada que perpassa toda a obra de Marcial.

Continuamente violentado pelas formalidades hipócritas da vida cidadina, o poeta procura manter o espírito livre. Ao requinte dos jantares faustosos onde se vê obrigado a ouvir recitar volumes imensos e aplaudir contrafeito os caprichos de trimalquiões como Zoilo ou Ligurino,<sup>48</sup> contrapõe o poeta a simplicidade da mesa, que oferece a Torânio, onde abundam os frutos simples da terra:<sup>49</sup>

*Parua est cenula, — quis potest negare? —  
sed finges nihil audiesue fictum  
et uoltu placidus tuo recumbes;  
nec crassum dominus leget uolumen.*<sup>50</sup>

O jantar é modesto, quem o pode negar? / Mas não vais precisar de dizer mentiras ou ouvir patranhas, / e reclinar-te-ás em boa paz com a cara de todos os dias; / e o dono da casa não lerá um grosso volume.

É em nome desta simplicidade que o poeta recusa o jantar de luxo que um amigo lhe propusera, porque lhe agrada o jantar que pode retribuir.<sup>51</sup> Para um poeta sem grandes recursos, em Roma, saciar a fome custa caro e o mercado leva à ruína.<sup>52</sup>

A neurastenia cidadina, tão conhecida dos nossos dias, encontra expressão eloquente na pena de Marcial.<sup>53</sup> O ambiente é doentio ao ponto de tornar o rosto descorado. Apesar de lhe custar separar-se do amigo Domicio, o poeta aconselha-o a afastar-se do *urbanum iugum*:

<sup>48</sup> Cf. 3.82; 3.45; 3.50.

<sup>49</sup> 5.78.1-21: o poeta faz o elenco: alface, alhos, peixe salgado recoberto de ovo, uma couve verde colhida há pouco no horto fresco, um chouriço, favas amarelas com toucinho vermelho. Como sobremesa, uvas secas e peras da Síria, castanhas de Nápoles cozidas em vapor lento. O vinho, o amigo torná-lo-á bom, quando o beber. Se, depois disto, Baco lhe abrir o apetite, há azeitonas, grão-de-bico quente e tremoços mornos. Cf. 9.54; 11.52: *Cenabis belle, Iuli Cerialis, apud me.*

<sup>50</sup> 5.78.22-25; cf. 11.52.16: *plus ego polliceor: nil recitabo tibi.*

<sup>51</sup> 12.48.18: *Haec mihi quam possum reddere cena placet.*

<sup>52</sup> 10.96.9: *Hic pretiosa fames conturbatorque macellus.*

<sup>53</sup> O pregão dos vendedores: 1.41; cheiros nauseabundos: 6.64.18-21; confusão nocturna: 12.57. Cf. AUGELLO, "Roma e la vita romana testimoniata da Marziale" cit. 242-244.

*O quam formosus, dum peregrinus eris!  
Et uenies albis non adgnosendus amicis  
liuebitque tuis pallida turba genis.  
Sed uia quam dederit rapiet cito Roma colorem,  
Niliaco redeas tu licet ore niger.<sup>54</sup>*

Oh, que bela aparência terás, enquanto estiveres fora! / E, quando regressares, não serás reconhecido pelos amigos descorados, / e a turba pálida terá inveja das tuas faces. / Mas Roma roubará rapidamente a cor que a viagem te tiver dado, / mesmo que tu regreses negro com uma tez do Nilo.

No “período de férias” o poeta louva o sossego, longe da confusão dos locais que estão na moda. Com a chegada da época balnear, o *jet-set* romano procura as águas de Baías para uns tempos de descanso e devaneio.<sup>55</sup> Marcial, pelo contrário, foge ao sol abrasador destas praias, prefere a frescura de Tibur.<sup>56</sup> E para o outono da vida, o poeta deseja as praias de Altino, rivais de Baías, na Gália Cisalpina:

*Vos eritis nostra requies portusque senectae,  
si iuris fuerint otia nostra sui.<sup>57</sup>*

Vós sereis o repouso e o porto da minha velhice, / se os meus lazeres eu os puder usufruir como um direito.

Também ele outrora acorrera às *laudatae undae*, sem medo de uma longa jornada. Mas agora ao poeta, que se assume como preguiçoso, agradam os *faciles recessus*: quer afastar-se da cidade, mas não quer ficar muito longe dela. Talvez, mesmo sem saber, já não passe sem Roma. Nomento não está muito longe: é fácil regressar. Para lá se dirige o poeta em busca da libertação da vida cidadina e do sono tranquilo.<sup>58</sup> Aí procura o *otium*, na sua casa de campo, a sua “praia” eleita:

*Dum tibi felices indulgent, Castrice, Baiae  
canaque sulphureis nympha natatur aquis,  
me Nomentani confirmant otia ruris  
et casa iugeribus non oneroso suis.*

---

<sup>54</sup> 10.12.8-12.

<sup>55</sup> Cf. 1.62; 3.20.19; 3.58.1; 10.14.3.

<sup>56</sup> Cf. 4.57.

<sup>57</sup> 4.25.7-8.

<sup>58</sup> Cf. 2.38; 12.57.

*Hoc mihi Baiani soles mollisque Lucrinus,  
hoc uestrae mihi sunt, Castrice, diuitiae.  
Quondam laudatas quocumque libebat ad undas  
currere nec longas pertimuisse uias,  
nunc urbis uicina iuant facilesque recessus,  
et satis est pigro, si licet esse mihi.<sup>59</sup>*

Enquanto te comprazes, Cástrico, com os deleites Baias, / e nadas nas águas sulfurosas de uma branca ninfa, / a mim, restabelece-me a paz do campo de Nomento / e uma quinta não pesada para as suas jeiras. / Este é para mim o sol de Baias e o voluptuoso Lucrino, / estas são para mim, Cástrico, as vossas riquezas. / Apetecia-me outrora para quaisquer águas famosas / correr, e não receava as longas jornadas. / Agora agrada-me a proximidade da Urbe e os cómodos retiros, / e é o bastante para um preguiçoso, se me é lícito sê-lo.

Para um poeta de origem provinciana, como Marcial, a vida simples é considerada um ideal em oposição aos requintados costumes da cidade. As riquezas não as deseja e, se as pede, são só para dar presentes aos amigos e para construir.<sup>60</sup> A *aurea mediocritas* torna-se para este poeta uma filosofia de vida. Prefere a felicidade de uma vida simples com noites tranquilas e dias sem disputas:

*Me focus et nigros non indignantia fumos  
tecta iuuant et fons uiuus et herba rudis.  
Sit mihi uerna satur, sit non doctissima coniunx,  
sit nox cum somno, sit sine lite dies.<sup>61</sup>*

Quanto a mim, agrada-me o lume e um tecto / que se não aborrece com fumos negros, uma fonte viva e uma relva por tratar. / Tenha eu um escravo bem nutrido, tenha uma mulher não muito instruída, / tenha a noite com sono, tenha os dias sem querelas.

Ao contrário do comum dos cidadãos, o poeta trocava as seduções citadinas por esta vida campestre sem grandes riquezas nem grandes preocupações. Ao amigo Júlio Marcial, o poeta propõe um estilo de vida que é uma típica versão romana da filosofia epicurista:

<sup>59</sup> 6.43.5-6. Mas em 11.80, para comprazer Flaco, faz o elogio de Baias.

<sup>60</sup> Cf. 9.22.16: *Vt donem... et aedificem.*

<sup>61</sup> 2.90.7-10.

*Vitam quae faciant beatiorem,  
iucundissime Martialis, haec sunt:  
res non parta labore, sed relictas;  
non ingratus ager, focus perennis;  
lis nunquam, toga rara, mens quieta;  
uires ingenuae, salubre corpus;  
prudens simplicitas, pares amici;  
conuictus facilis, sine arte mensa;  
nox non ebria, sed soluta curis;  
non tristis torus et tamen pudicus;  
somnus qui faciat breues tenebras:  
quod sis esse uelis nihilque malis;  
summum nec metuas diem nec optes.*<sup>62</sup>

Os bens que tornam a vida mais feliz, / ó Marcial, modelo de simpatia, são estes: / riquezas não produzidas pelo trabalho, mas herdadas; / um campo não ingrato, um fogo nunca extinto; / querelas, nunca; toga, raras vezes; espírito sossegado; / vigor inato, corpo saudável; / franqueza prudente, amigos de condição semelhante; / convívio simples, mesa sem artificios; / noite sem embriaguez, mas livre de preocupações; / um leito não austero, sem deixar de ser casto; / um sono que torne breves as trevas; / aceites-te tal como és, sem preferires ser outra coisa; / o último dia, não o temer nem o desejar.

Isto afirmava prestes a rumar à Hispânia. A *toga rara* representa o almejado afastamento da vida pública, um princípio epicurista.<sup>63</sup> A toga, símbolo da vida social romana, da *lis* e da clientela, como vimos atrás, é o impedimento para tudo o que o poeta deseja: não permite a *mens quieta*, porque enreda o poeta numa trama de compromissos sociais; arruína as *uires ingenuae* e o *salubre corpus*, porque o leva a suportar o frio matinal, as vigílias e o ambiente doentio da Urbe; torna impossível a *prudens simplicitas* e os *pares amici*, porque o obriga a usar de deferência para com os patronos e a simular amizade onde esta não pode existir; é contrária ao *conuictus facilis, sine arte mensa*, porque implica banquetes cheios de requinte, onde o poeta se vê obrigado a ouvir ler e louvar os grossos volumes das produções literárias do anfitrião. Por consequência, o

<sup>62</sup> 10.47; Cf. Horácio, *Epodo* 2. Sobre o paralelismo o epigrama acima transcrito e a filosofia epicurista, cf. SULLIVAN, *Martial* cit. 215-217. Para uma síntese da ética epicurista, cf. Jean BRUN, *L'épicurisme*, trad. port. de Rui Pacheco, Lisboa, Ed. 70, 1987, 95-116.

<sup>63</sup> Cf. T. ADAMIK, "Martial and the *uita beator*" cit. 62.

poeta não pode ter uma *nox non ebria*, mas também não *soluta curis*, porque no dia seguinte novas obrigações o esperam. No entanto, ao deitar-se, deduzimos, por antífrase, que ele não encontrará um *non tristis torus et tamen pudicus*, mas talvez um *non pudicus torus et tamen tristis* (perdoe-se a ruína da métrica). Depois vem o *somnus*, deseja o poeta *qui faciat breues tenebras*, mas, no dia seguinte, há que partir antes que estas se dissipem. A toga é também símbolo de ambição, contrária à filosofia epicurista, que torna os homens insatisfeitos. O poeta postula uma verdadeira *aurea mediocritas*, em que cada um se contenta com o que é, sem desejar ser outra coisa, de modo a não viver na angústia da morte, sob a espada de Dâmocles, nem a desejá-la, como defendiam os estóicos.

O poeta é, por outro lado, confrontado com a consciência da fugacidade da vida: já no livro I advertira o amigo de que estava a desperdiçar os melhores dias.<sup>64</sup> Do mesmo modo, no livro V, lamenta que o fluir dos anos lhe roube os bons momentos na companhia de Júlio Marcial. O tema do *carpe diem* surge, assim, ligado à partilha da amizade:

*Si tecum mihi, care Martialis,  
securis liceat frui diebus,  
si disponere tempus otiosum  
et uerae pariter uacare uitae:  
nec nos atria nec domos potentum  
nec litis tetricas forumque triste  
nossemus nec imagines superbas;  
sed gestatio, fabulae, libelli,  
campus, porticus, umbra, Virgo, thermae,  
haec essent loca semper, hi labores.  
Nunc uiuit necuter sibi, bonosque  
soles effugere atque abire sentit,  
qui nobis pereunt et inputantur.  
Quisquam uiuere cum sciat, moratur?*<sup>65</sup>

---

<sup>64</sup> Cf. 1.15 (...) *bis iam paene tibi consul tricensimus instat, / et numerat paucos uix tua uita dies. (...) et solum hoc ducas, quod fuit, esse tuum. (...) gaudia non remanent, sed fugitiua uolant. (...) Non est, crede mihi, sapientis dicere 'uiuam': / sera nimis uita est crastina: uiue hodie.* Outros exemplos de sentenças de espírito epicurista em SULLIVAN, *Martial* cit. 225.

<sup>65</sup> 5.20, cf. 11.80.

Se eu contigo, caro amigo Marcial, / pudesse gozar os dias sem cuidados, / se pudesse dispor de tempo livre / e desfrutar em tua companhia a verdadeira vida, / nem os átrios nem as casas dos poderosos, / nem litígios sinistros nem o foro odioso / nós conheceríamos, nem as estátuas arrogantes; / mas passeios de liteira, conversas, livros, / o Campo de Marte, o pórtico, a sombra, o aqueduto da Água Virgem, as termas, / estes seriam sempre os lugares, estes os trabalhos. / Agora nenhum dos dois vive para si mesmo, e os melhores / dias sente fugir e desvanecer-se, / dias que para nós morrem e entram na nossa conta. / Quem é que, sabendo viver, anda a perder tempo?

O poeta sabe, ou pensa saber, onde pode realizar os desejos de uma vida simples e de liberdade. Perante as crescentes dificuldades políticas, sociais e económicas da vida em Roma, a saudade e a poesia juntam-se para lhe apontarem agora novo rumo:<sup>66</sup>

*Saepe loquar nimium gentes quod, Avite, remotas  
miraris, Latia factus in urbe senex,  
auriferumque Tagum sitiam patriumque Salonem  
et repetam saturae sordida rura casae.  
Illa placet tellus in qua res parva beatum  
me facit et tenues luxuriantur opes:  
pascitur hic, ibi pascit ager; tepet igne maligno  
hic focus, ingenti lumine lucet ibi;  
hic pretiosa fames conturbatorque macellus,  
mensa ibi diuitis ruris operta sui;  
quattuor hic aestate togae pluresue teruntur  
autumnis ibi me quattuor una tegit.  
I, cole nunc reges, quidquid non praestat amicus  
cum praestare tibi possit, Avite, locus.<sup>67</sup>*

Que eu fale sempre, Avito, de gentes demasiado remotas, / te admiras, — logo eu que me tornei velho na Urbe do Lácio—, / que eu tenha sede do aurífero Tago e do pátrio Salão / e que procure de novo os campos pobres de uma fecunda quinta. / Agrada-me a terra em que um pequeno pé-de-meia feliz / me torna e os magros recursos são abundância. / Aqui o campo come, lá dá de comer; morna, com um fraco lume, / é a lareira aqui; lá resplandece de enorme luz; / aqui é cara a fome e ruinoso o mercado, / lá a mesa cobre-se de riquezas do seu campo; / quatro togas ou mais se gastam aqui num

<sup>66</sup> Cf. SULLIVAN, *Martial* cit. 44-52.

<sup>67</sup> 10.96.



verão, / lá uma única me cobre quatro outonos. / Anda, corteja agora os patronos, quando aquilo que te não dá um amigo / to pode dar, Avito, a terra.

A partida para Bilbilis torna-se iminente. O poeta prepara o seu regresso na expectativa de um bom acolhimento por parte dos seus patrícios. Aos *municipes* da *Augusta Bilbilis* dirige um epigrama em que apela à própria fama: Verona não deve mais a Catulo do que Bibilis ao seu vate encanecido em terras itálicas.<sup>68</sup>

Finalmente chega a hora do regresso. Em breve vamos encontrar o poeta a fruir o modo de vida e a liberdade que tanto desejava. No livro XII, num longo epigrama, dirigido ao seu amigo Juvenal, que continua em Roma, estabelece o contraste:

*Dum tu forsitan inquietus erras  
clamosa, Iuvenalis, in Subura  
aut collem dominae teris Dianae;  
dum per limina te potentiorum  
sudatrix toga uentilat uagumque  
maior Caelius et minor fatigant:  
me multos repetita Decembres  
accepit mea rusticumque fecit  
auro Bilbilis et superba ferro.  
Hic pigri colimus labore dulci  
Boterdum Plateamque — Celtiberis  
haec sunt nomina crassiora terris —:  
ingenti fruor inproboque somno  
quem nec tertia saepe rumpit hora,  
et totum mihi nunc repono quidquid  
ter denos uigilaueram per annos.  
ignota est toga, sed datur petenti  
rupta proxima uestis a cathedra.*

---

<sup>68</sup> 10.103: (...) *ecquid laeta iuuat uetri uos gloria uatis? / Nam decus et nomen famaue uestras sumus, / nec plus sua debet tenui Verona Catulo / meque uelit dici non minus illa suum. / Quattuor accessit tricesima messibus aestas, / ut sine me Cereri rustica liba datis, / moenia dum colimus dominae pulcherrima Romae: / mutauere meas Itala regna comas. / Excipitis placida reducem si mentem uenimus; / aspera si geritis corda, redire licet.* Com efeito, Marcial muitas vezes cantara os louvores da sua pátria: cf. 1.49; 1.61; 2.90; 4.55; 10.65; 10.96. Em 10.104, pede ao livro, o garante da sua fama, que vá à frente a preparar-lhe o regresso.

*Surgentem focus excipit superba  
uicini strue cultus iliceti  
multa uilica quem corona olla.  
Venator sequitur, sed ille quem tu  
secreta cupias habere silua;  
dispensat pueris ragatque longos  
leuis ponere uilicus capillos.  
sic me uiuere, sic iuuat perire.<sup>69</sup>*

Enquanto tu vagueias talvez atarefado / pela barulhenta Suburra, Juvenal; / e gastas a colina da soberana Diana; enquanto pelas portas dos poderosos / te ventila a toga suadora e a ti, errante, / te estafam o Célio maior e o menor: / a mim, depois de muitos Dezembros desejada, / acolheu-me e camponês me tornou / BÍlbilis rica em ouro e ferro. / Aqui cultivo preguiçosamente, com suave labor, / os campos de Boterdo e Plateia — as celtibéricas / terras têm estes nomes grosseiros —: gozo um sono descaradamente longo / que, muitas vezes nem a terceira hora quebra, / e refaço-me agora por completo de quanto / não dormi durante trinta anos. / A toga é desconhecida, mas dão-me, quando a peço, / uma túnica de uma cadeira desengonçada. / Quando me levanto, acolhe-me o lume — de uma soberba / pilha de lenha do vizinho azinhal — / que a caseira coroa de muitas panelas. / Depois vem o caçador, que / tu desejarias apanhar num bosque secreto; / um caseiro imberbe distribui o trabalho pelos escravos e pede licença para lhes cortar os cabelos, quando longos. / Assim me agrada viver, assim me agrada morrer.

Este modo de vida deve-o o poeta à generosidade de Marcela, uma mulher cuja cultura poderia rivalizar com a de uma matrona de Roma.<sup>70</sup> Agora possui uma casa e uma propriedade:

*munera sunt dominae: post septima lustra reuerso  
has Marcellas domos paruaque regna dedit.  
Si mihi Nausicaa patrios concederet hortos,  
Alcinoos possem dicere: 'malo meos'.<sup>71</sup>*

<sup>69</sup> 12.18. Segundo FRASSINETTI, “Marziale poeta serio”: *Argentea aetas. In memoriam Entii V. Marmorale*. Genova, Istituto di Filologia Classica e Medievale, 1973, 173 - 180, Marcial ostenta, neste epigrama, um falso entusiasmo: trata-se já do desfazer do sonho de paz. Seja como for, o certo é que o poeta descreve agora como real aquilo que em Roma era apenas um sonho.

<sup>70</sup> 12.21.

<sup>71</sup> 12.31.7-10.

São presentes da senhora: a mim que regressei, depois de sete lustros, / deu-me Marcela esta casa e estes pequenos domínios. / Se Nausícaa me concedesse os jardins de seu pai, / a Alcínoo eu poderia dizer: «Prefiro os meus.»

Em Roma, o poeta desejava ter um mecenas que lhe financiasse o ócio necessário à sua produção literária. Esse mecenas vai encontrá-lo aqui na pessoa de Terêncio Prisco que lhe faculta o *ingenuae ius pigritiae*, necessário ao exercício do *ingenium*.<sup>72</sup> A ele se deve a composição do livro XII: depois de uma *desidia* de três anos, o poeta resolve publicar de novo, a pedido de Prisco que regressava de Roma.<sup>73</sup>

Mas o paraíso ensombra-se. A sensação de bem-aventurança, reflectida nos dois epigramas atrás referidos (12.18 e 12.31), não se mantém por muito tempo num espírito habituado à grandeza e à azáfama de Roma e agora encerrado na monotonia e pequenez de BÍLBILIS. Na carta-prefácio do livro XII, dirigida a Prisco, reconhecemos acima de tudo um poeta melancólico.

Que um escravo pode amar o senhor que o maltrata, já Marcial sabia.<sup>74</sup> O que talvez não esperasse era sentir saudade de quem o subjogou durante trinta e quatro anos. Marcela, com a sua urbana liberalidade, consegue mitigar um pouco este *desiderium*,<sup>75</sup> mas não por muito tempo: o poeta parece dizê-lo mais por simpatia e gratidão do que por o sentir realmente (de resto, não o repete, o que, em Marcial, é significativo). Começa a perceber que cometeu um erro: a humilhação da vida de cliente em Roma, a ânsia de liberdade levou-o a avaliar mal os seus desejos e a precipitar-se. A alegria proveniente da nova liberdade não supre a necessidade da grandeza de Roma, da sua universalidade, que lhe concedera a alegria irrepetível de se sentir romano.<sup>76</sup> Agora, em BÍLBILIS, sente a falta dos argumentos que Roma oferecia, durante três décadas, como estímulo para a criação dos epigramas:

(...) *illam iudiciorum subtilitatem, illud materiarum ingenium, bibliothecas, theatra, conuictus, in quibus studere se uoluptates non sentiunt, ad summam omnium illa quae delicati reliquimus desideramus, quasi destituti.*

<sup>72</sup> 12.3. Cf. 12.14.

<sup>73</sup> Cf. XII, *Pref.*

<sup>74</sup> Cf. 3.21: *Proscriptum famulus seruauit fronte notatus. / Non fuit haec domini uita, sed inuidia.*

<sup>75</sup> 12.21.9-10: a saudade da Urbe está bem explícita. Dirigindo-se a Marcela, afirma: *Tu desiderium dominae mihi mitius urbis / esse iubes: Romam tu mihi sola facis.*

<sup>76</sup> Cf. AUGELLO, "Roma e la vita romana testimoniata da Marziale" cit. 234-270.

Aquela subtileza da crítica, a inspiração dos argumentos, as bibliotecas, os teatros, o convívio, onde o prazer não se sente como trabalho, em suma, todas aquelas coisas que por enjoo abandonei, agora as desejo como se delas fora despojado.

A reforçar a saudade de Roma conta-se certamente a recordação dos velhos amigos que deixara. Embora o poeta não o refira de forma explícita neste prefácio, podemos percebê-lo. Os locais de que diz sentir agora a falta, são semelhantes aos lugares onde gostaria de gozar o ócio na companhia de Júlio Marcial.<sup>77</sup> Em BÍlbilis, Marcial pode gozar o ócio e liberdade que sempre desejou, mas o amigo está longe. Filtrados pela grata recordação de Júlio Marcial, os trinta e quatro anos que passou em Roma parecem-lhe agora mais felizes. Mas é esta amizade que, pela ausência, lhe traz agora sofrimento. O canto tem agora um tom definitivo de quem sente que não voltará a ver o amigo:

*Triginta mihi quattuorque messes  
tecum, si memini, fuere, Iuli.  
Quarum dulcia mixta sunt amaris,  
sed iucunda tamen fuere plura;  
et si calculus omnis huc et illuc  
diuersus bicolorque digeratur,  
uincet candida turba nigriorem.  
Si uitare uelis acerba quaedam  
et tristis animi cauere morsus,  
nulli te facias nimis sodalem:  
gaudebis minus et minus dolebis.<sup>78</sup>*

Trinta e quatro colheitas passei eu / contigo, se bem me recordo, Júlio. / Dessas, os prazeres andaram misturados com os amargores, / mas as alegrias foram, apesar de tudo, mais; / e se uma pedrinha aqui e outra ali / formassem grupos distintos de duas cores, / o conjunto das brancas venceria o das mais negras. / Se queres fugir a alguns dissabores / e evitar as tristes mordeduras da alma, / não te tornes demasiado amigo de ninguém: / terás menos alegrias e menos sofrimentos.

Não terá encontrado em BÍlbilis uma alternativa a esta amizade. À parte os casos de Marcela e de Prisco, Marcial não encontrou o acolhimento caloroso que esperava da parte dos conterrâneos. Pelo contrário, encontra a maledicência

<sup>77</sup> Cf. 5.20.8-10 (atrás referido): *sed gestatio, fabulae, libelli, / campus, porticus, umbra, Virgo, thermae, / haec essent loca semper, hi labores.*

<sup>78</sup> 12.34.

e inveja de alguns, que se tornam muitos num meio pequeno.<sup>79</sup> Além disso, de cliente que era, vê-se agora transformado em patrono: alguns oportunistas locais procuram aproveitar, em benefício próprio, a posição social que a fama conferiu ao poeta. Marcial constata que, mesmo aqui, na Hispânia, lhe querem negar aquilo que Roma lhe proibia: o ócio, o sono e a ausência de pleitos (as *lites* que ele detestava). Afinal foi por isso que regressou:

*Matutine cliens, urbis mihi causa relictæ,  
atria, si sapias, ambitiosa colas.  
Non sum ego causidicus nec amaris litibus aptus  
sed piger et senior Pieridumque comes;  
otia me somnusque iuuant, quæ magna negauit  
Roma mihi: redeo si uigilatur et hic.*<sup>80</sup>

Cliente matutino, para mim causa do abandono da Urbe, / frequente, se és avisado, os átrios pretensiosos. / Eu não sou advogado nem dado a pleitos amargos, / mas um preguiçoso e velho amigo das Musas; / agradam-me o ócio e o sono, que me negou a grande / Roma: regresso, se também aqui se não dorme.

Vigília por vigília, prefere as de Roma. Com efeito, os anos que passou no Lácio mudaram-lhe a cor dos cabelos,<sup>81</sup> mas também lhe moldaram a alma. Em Roma, recordava a sua pátria com símbolo da liberdade e da verdadeira vida que sempre desejou; agora, em BÍlbilis, sente-se desterrado numa pátria que se tornou estrangeira para ele.<sup>82</sup> O resultado foi o livro XII, que, embora escrito em BÍlbilis, está cheio de reminiscências que o poeta guardou da Urbe: os habituais temas satíricos como a hipocrisia dos patronos,<sup>83</sup> a decadência do rico,<sup>84</sup> a *captatio*,<sup>85</sup> as pretensões dos clientes,<sup>86</sup> a má conduta social,<sup>87</sup> a pederastia,<sup>88</sup> a crítica às mulheres,<sup>89</sup> os defeitos físicos,<sup>90</sup> a poesia e os

<sup>79</sup> Cf. 12. *Pref.* (...) *Accedit his municipalium robigo dentium et iudici loco liuor et unus aut alter mali, in pusillo loco multi.*

<sup>80</sup> 12.68.

<sup>81</sup> 10.103.10: *mutauere meas Itala regna comas*; cf. 10.96.2: *Latia factus in urbe senex.*

<sup>82</sup> Cf. PAOLI, "Il poeta di Roma vivente": *Avventure e segreti del mondo greco e romano*, Firenze, Le Monnier, 1956, 562.

<sup>83</sup> Cf. 12.12; 13; 25; 26; 36; 40; 48; 81.

<sup>84</sup> Cf. 12.27; 50; 53; 56; 70; 90.

<sup>85</sup> Cf. 12.10; 48.2-4; 73.

<sup>86</sup> Cf. 12.19.

<sup>87</sup> 12.28; 30; 32; 41; 59; 66; 7; 82; 87; 89.

<sup>88</sup> Cf. 12.16; 33; 71; 75; 84.

<sup>89</sup> 12.20; 26; 49; 52; 58; 65; 91; 93; 97.

<sup>90</sup> Cf. 12.7; 22; 23; 45; 54.

críticos,<sup>91</sup> os plagiários,<sup>92</sup> enfim, um livro não de assunto hispânico, mas apenas escrito na Hispânia.<sup>93</sup>

O poeta compreendeu e deixou a sua lição para quem desejar entender: concebeu um ideal de vida e foi ao seu encontro, sem pensar preço que pagava. Conseguiu fugir da Urbe, mas não da sua alma. Acorreu a Bilbilis, mas não foi Bilbilis que encontrou, não a Bilbilis do seu canto. A Bilbilis real não o inspirava, nem o queria. Sentia-se agora desenraizado, a “litigar num foro estranho”, longe do seu público, longe dos amigos. Voltou a viver do sonho, a voar para a Urbe longe. Mas era tarde de mais. Já não regressou a Roma: a morte, acaso apressada pelas mordeduras da alma, veio libertá-lo.

---

<sup>91</sup> Cf. 12.2; 37; 43; 47, 61; 78; 88; 94; 95.

<sup>92</sup> Cf. 12.63.

<sup>93</sup> 12. *Prol: non Hispaniensem librum mittamus, sed Hispanum*. Sobre o conteúdo do livro XII, cf. SULLIVAN, *Martial* cit. 52-55: Tratar-se-ia inicialmente de um *brevis libellus*, enviado a Roma em 101 ou 102, ao qual foram depois acrescentados outros epigramas, como os dirigidos a Nerva e Parténio (12.5; 6; 11) que há muito tinham morrido.